

6

À guisa de conclusão: o homem, experiência de Deus

Ao longo deste nosso trabalho expusemos a doutrina zubiriana acerca da realidade divina. Procuramos fazê-lo desde a filosofia madura de Zubiri, manifestada em sua trilogia *Inteligencia Sentiente* e no livro *El hombre y Dios*, cume e como que compêndio de sua obra filosófica.

Para o cumprimento de nosso objetivo, iniciamos com uma apresentação dos aspectos mais importantes de sua filosofia, ou seja, sua original análise da inteligência humana e sua metafísica da realidade. A partir daí, pudemos apresentar a realidade humana, na qual nos deparamos com o “problema teologal do homem”, onde vimos que o homem não tem um problema de Deus, mas o mesmo problema da constituição de sua vida, da configuração de seu ser relativamente absoluto, é o problema de Deus.

Acompanhando a Zubiri em sua análise do problema teologal do homem, observamos como este se encontra “religado” constitutivamente à realidade para realizar o seu ser. A realidade é “fundamento” que exerce uma “dominância” sobre a pessoa humana através de um caráter das coisas reais que Zubiri denomina “deidade” ou “poder do real”, que não se identifica com nenhuma das coisas, mas se articula com elas num problema que nosso filósofo expressou da seguinte forma: “Essa articulação é justamente o que o idioma grego chama enigma: a visão de uma coisa na reluzência dela em outra diretamente vista”¹. A resolução deste enigma levou-nos diretamente à inteligência da realidade divina: “o que a religação manifesta experiencial, mas enigmaticamente é Deus como problema”². Assim, o problema de Deus não é “a investigação de algo que está fora do mundo, mas de algo que está precisamente na realidade que nos circunda, na realidade pessoal minha”³.

Zubiri nos mostrou que não podemos fugir deste enigma, e que o ateísmo, assim como o agnosticismo e a indiferença, são posições – legítimas – tomadas diante dele, requerendo, assim, tanta justificação intelectual quanto a posição teísta. A inteligência da realidade divina, por sua vez, nos lançou num problema decorrente, que é o do acesso do homem a Deus através da fé, entrega pessoal no

¹ ZUBIRI, *El problema filosofico de la historia de las religiones*, pp. 59-60.

² Id., *El hombre y Dios*, p.110.

³ Ibid., p. 111.

amor. Fé que é a dimensão radical da entrega da realidade pessoal humana à realidade pessoal divina. Entrega esta que, tomada em sua totalidade, é a religião, a qual é, então, plasmação da constitutiva religação em que vive toda pessoa humana.

Zubiri, a partir do fato da religação da realidade humana ao poder do real, que nos força a viver e nos ata à vida, desenvolveu a constitutiva problematicidade do homem interpretando-a como o problema de Deus. O problema de Deus é o problema radical do homem. A solução ao mesmo pode ser variada e seguir infinitas rotas. Contudo, a de Zubiri consiste em postular a realidade-fundamento da pessoa relativamente absoluta do homem como realidade divina pessoal absolutamente absoluta, fundamento último, possibilitante e impelente de toda realidade. A intelecção de Deus, entretanto, não é uma questão exclusivamente racional, senão que leva consigo e se dá no seio de uma opção. A opção por viver fundadamente em Deus é a fé⁴.

Pudemos ver como Zubiri, através de sua obra *El hombre y Dios*, quis chegar a um pensamento unitário e global, no qual todos os aspectos de sua reflexão filosófica fossem conectados em torno ao problema teologal do homem. A preocupação de Zubiri não é tanto de apresentar uma prova a mais da existência de Deus, mas demonstrar que todo homem, pelo fato de sê-lo, tem que se colocar o problema de Deus, tal qual problema de sua fundamentalidade. Vimos como mesmo os agnósticos, os indiferentes e os ateus o fazem, com maior ou menor consciência disso. O próprio título do livro *El hombre y Dios* já revela que não estamos diante de dois problemas ou temas autônomos, separados, mas que ambos estão implicados.

“Eclipse da luz do céu, eclipse de Deus – tal é, para dizer verdade, o caráter da hora histórica que o mundo atravessa”⁵, nos diz Martin Buber, um dos grandes pensadores espirituais do século passado. E continua:

Um eclipse do Sol é algo que tem lugar entre o Sol e nossos olhos, não no Sol mesmo. Por outra parte, a filosofia não nos considera cegos ante Deus. A filosofia sustenta que carecemos na atualidade só da orientação espiritual que pode possibilitar uma reaparição de ‘Deus e dos deuses’, uma nova processão de imagens sublimes”⁶.

⁴ LLENIN IGLESIAS, *La realidad divina: El problema de Dios en Xavier Zubiri*, p. 143.

⁵ BUBER, M. *Eclipse de Dios*, p. 48.

⁶ Ibid., loc. cit.

A filosofia de Zubiri é um intento desta orientação espiritual carecida, para que Deus “reapareça”. Cabem distintas soluções ao problema de Deus, como vimos ao longo do trabalho: a redução da realidade divina a realidade-objeto e a distância de Deus (que passa a ser um Deus ocioso); a frustração e a suspensão da fé (agnosticismo); a indiferença e a despreocupação (a “penúltimidade” da vida do indiferente); a facticidade do poder do real e a auto-suficiência (ateísmo); a descoberta da realidade pessoal absolutamente absoluta de Deus como fundamento do poder do real, e a fé, entrega pessoal a esta realidade pessoal. Acreditamos que a solução zubiriana é concludente, tanto pelo valor teórico de sua justificação da realidade divina, quanto por conseguir demonstrar que as demais soluções são desdobramentos da “vontade de fundamentalidade” que constitui a vida humana.

Há [...] uma visão otimista fundamental em Zubiri que nos mostra a fecundidade que encerram as realidades mais adversas. A indiferença fundamental que representa a forma mais característica até o presente de ceticismo, esconde paradoxalmente para Zubiri um sim à vida. E este paradoxo é possível porque a vontade de fundamentalidade que anima a todo homem e à qual Zubiri quer se ater, é uma vontade de fidelidade à terra e à vida.

A filosofia de Zubiri é um sim à realidade, à vida, ao homem e a sua inteligência. Para ele, esse sim é um sim a seu fundamento, que se realiza como entrega a Deus na fé. E é que o mundo atual não é, apesar de tudo, menos apto para a fé que o de outros tempos passados. É, isso sim, distinto. É certo que o homem pode fazer repousar sua vida sobre si mesmo e desentender-se de Deus. De fato, sempre pôde. Mas, ao fim, pode encontrar a Deus, ou melhor, pode encontrar-se sendo em Deus justamente neste mundo atual⁷.

Deus é transcendente na pessoa humana. Sua atualidade está incursa em minha própria realidade pessoal religada. Não existem Deus “e” o homem como existem o Sol “e” a Lua. Não se trata de uma adição copulativa, mas da presença fundamentante de Deus no fundo de minha realidade pessoal.

O poder do real é algo que experienciamos na religação. Deus e o homem se encontram incursos nesta experiência do real. Como a religação é um momento formalmente constitutivo de minha pessoa, Deus e a pessoa estão determinados em e por essa experiência de Deus enquanto que fundamentante. O homem é experiência de Deus: esta é a unidade radical de Deus e da pessoa humana. É o momento do “e”, que não é um “e” copulativo, mas um “e” experiencial. O

⁷ LLENIN IGLESIAS, op. cit., p. 163.

homem está experienciando a realidade de Deus. Por razão de Deus, Deus é experiência do homem; por razão do homem, o homem é experiência de Deus.

Deus consiste no fundo último e radical no qual emerge e no qual está o homem enquanto que real. O que qualifica a presença de Deus nas coisas é ser constitutiva (sua fontanalidade). Para Zubiri, a criação deve ser concebida como a vida mesma de Deus projetada livremente *ad extra*, de forma finita. E há distintos modos de criação, relacionados aos distintos tipos de realidade metafísica, segundo Zubiri: a realidade das coisas que têm certas propriedades em virtude das quais são *de suyo* aquilo que são em si (essências fechadas); e a realidade constituída pelas “coisas” que são “suas”, se comportam com seu próprio caráter de realidade (essências abertas, pessoas). Quando o termo da constitutiva fontanalidade de Deus é uma realidade pessoal, esta fontanalidade adquire um caráter especial, é um dar mais íntimo e profundo, é “doação”. Deus dá à pessoa em doação sua verdade real. Assim, em sua transcendência e doação pessoal, Deus é uma atualização do dom em que consiste a realidade na qual se constitui o ser do homem; é algo que real e efetivamente está sendo, e sem cujo ser a pessoa humana não teria realidade. A experiência de Deus não é consecutiva ao ser do homem, mas constitutiva: o homem é Deus dando-se como fundamento intrínseco e formal da religião.

A experiência de Deus não é a experiência de um objeto chamado Deus, mas do estar fundamentado na realidade de Deus. Há experiência da realidade fontanal e fundamentante de Deus na religião como ultimidade, como possibilidade última e como impelência suprema. O homem é uma maneira finita de ser Deus real e efetivamente; é um modo experiencial de Deus. A experiência de fazer-me pessoa é experiência do absoluto; Deus é o absoluto de meu ser. A experiência de Deus é a experiência do absoluto cobrado na constituição de meu ser.

Portanto, Deus não é a pessoa humana, mas a pessoa humana é de alguma maneira Deus: é Deus humanamente. Por isso, o ‘e’ de ‘homem e Deus’ não é um ‘e’ copulativo. Deus não inclui o homem, mas o homem inclui Deus. Qual é o modo concreto desta inclusão? É justamente ‘experiência’: ser pessoa humana é realizar-se experiencialmente como algo absoluto. O homem é formal e constituivamente experiência de Deus⁸.

⁸ ZUBIRI, El problema teológico del hombre. *El hombre y Dios*, p. 379.